

# *Unidade e percepção*

Olavo de Carvalho

Texto-base para a aula de 10 de outubro de 2009 do

SEMINÁRIO ONLINE DE FILOSOFIA

Considerado em si mesmo, amputado de todos os nexos invisíveis e insensíveis que o unificam e articulam, o mundo dito material, o mundo dos corpos e das sensações, não é de maneira alguma um "mundo", uma unidade real: é uma poeira de percepções múltiplas e instantâneas, separadas e incomunicáveis, sem qualquer vínculo "material" que as relacione e as cole umas às outras. Basta uma piscada, e você não "vê" mais nenhum elo de continuidade temporal entre os objetos das duas percepções visuais sucessivas. Você sabe que o elo está lá, mas não pode enxergá-lo com os olhos. Ao ver um objeto qualquer e estender a mão para pegá-lo, a unidade entre a coisa vista e a coisa tocada não é vista pelos olhos nem apreendida pelo tato; os dois sentidos permanecem distintos e separados, assim como os respectivos aspectos que apreendem no objeto: se você sabe que o objeto que você vê é o mesmo que você toca, esse saber não lhe vem nem da sensação visual nem da sensação tátil, mas de uma ligação entre as duas que, por sua vez, não é vista nem tocada. Se nem mesmo a simples unidade de um objeto simples -- de uma caneta, de um copo, de um gato -- pode ser objeto de percepção sensível, muito menos pode sê-lo a unidade do "mundo", a unidade do real como um todo.

No entanto, a unidade do real está pressuposta em cada uma das nossas percepções e ações. Se a esquecêssemos por mais de alguns segundos, nos tornaríamos incapazes de executar até mesmo as ações mais simples -- comer, andar, subir numa árvore, fugir de um perigo. Nossa desadaptação ao ambiente seria tal, que não poderíamos sobreviver nele, individual ou coletivamente, por mais que o tempo necessário para definhir e morrer. Tudo o que fazemos neste mundo supõe a unidade do real -- da sua simultaneidade no espaço e da sua continuidade no tempo --, e esta unidade, por sua vez, não chega ao nosso conhecimento por nenhuma informação sensível, sendo antes a condição prévia para que as informações sensíveis se unifiquem na nossa mente e tomem a forma de "percepções". Mesmo somados, os dados dos cinco sentidos não nos notificam da existência de nenhum "mundo" e nem sequer de um só objeto inteiro. Os sentidos dão apenas... sensações. Se estas não se juntam, não há objeto nem mundo, e o fato é que elas não se juntam ao nível dos sentidos.

Que isso coloca um problema, é algo que os primeiros filósofos gregos já perceberam como muita clareza. Ao afirmar que "nunca nos banhamos duas vezes no mesmo rio", Heráclito dava ciência do caráter fragmentário e inconstante das nossas percepções. Ao buscar a unidade do real numa esfera de eternidade supra-sensível, Parmênides reconhecia que essa unidade não se encontrava no mundo dos sentidos, mas ao mesmo tempo deixava um ponto de interrogação na pergunta decisiva: se a unidade não se vê nem nos objetos do mundo sensível, como podemos apreendê-la na suposta ligação, ainda mais alta e mais difícil de alcançar, entre o sensível como um todo e o supra-sensível?

Qual é, em suma, o fundamento da nossa certeza na unidade do real, certeza que os cépticos podem até questionar em palavras, mas à qual retornam no instante mesmo em que a questionam diante de um ouvinte que sabem existir como totalidade individual no mesmo mundo em que eles existem?

Para resolver esse problema, muitas hipóteses foram criadas, e não raro defendidas com veemência. Eis algumas delas, escolhidas a esmo:

1. Segundo David Hume, não podemos conhecer a unidade do real, nem saber se ela existe ou não. Acreditamos nela pela força do hábito consagrado, nascido da necessidade prática. É também por hábito que acreditamos na nossa própria unidade pessoal.

O problema com essa teoria é o seguinte: se meu próprio "eu" não tem unidade nenhuma, como poderia ele adquirir um "hábito"? Longe de poder ser criada pelo hábito, a unidade do sujeito é uma condição para que existam hábitos. A simples repetição de um ato qualquer é inconcebível se o sujeito que praticou o ato pela primeira vez não permanece o mesmo na segunda.

Quanto à unidade do real como um todo, como poderia ela impregnar-se nos hábitos da comunidade se esta não permanecesse a mesma durante o processo de aquisição de cada hábito? Mas como poderia a comunidade conservar-se unitária se sua existência transcorresse no quadro de uma realidade total fragmentária e quebradiça?

2. Segundo Kant, a unidade do real não é percebida. É um esquema preexistente na mente humana, que o projeta sobre os dados fragmentários do mundo sensível, conferindo-lhes assim uma forma unitária que por si mesmos não têm.

Esta doutrina suscita de imediato a objeção de que a unidade assim obtida não é real, objetiva, é apenas uma criação da mente humana. Kant responde que de fato é assim, mas que essa criação é "universalmente válida" por ser idêntica em todos os homens, o que é suficiente, segundo ele, para fundamentar a possibilidade do conhecimento. A resposta é obviamente insatisfatória, pois abre um abismo entre "validade universal" e "veracidade". Ser universalmente válido significa apenas ser aprovado por todos os homens, mas nada impede que eles se enganem todos juntos. A filosofia de Kant, cuja influência sobre a mentalidade acadêmica foi profunda e duradoura substitui, em última análise, a veracidade pelo mero consenso. Só não nos informa se a existência do consenso deve existir objetivamente por sua vez ou também deve ser admitida por puro consenso, e assim por diante.

3. Segundo toda uma escola de pensamento em que se destacam Willard Quine, Gilbert Ryle, Wilfrid Sellars, Donald Davidson e Richard Rorty, a única unidade que se pode admitir como existente é a da natureza corpórea tal como a descrevem as "ciências". O ser humano é apenas um ente a mais no conjunto da natureza, e tudo o que se passa no seu psiquismo é apenas o resultado da sua atividade neuronal, um processo material como qualquer outro. Os circuitos neuronais recebem *inputs* dos sentidos e emitem "enunciados" sobre as coisas, mas esses enunciados são nada mais que um jogo intersubjetivo: refletem apenas a troca de estímulos entre vários cérebros humanos e nada mais conhecem, nem expressam, além da sua própria situação pragmática.

Temos então dois mundos separados: de um lado, a unidade objetiva das "coisas" físicas descritas pela ciência; de outro, o universo dos "jogos" intersubjetivos, conjunto de erros e ilusões às vezes úteis, não raro inúteis e prejudiciais.

Esta solução não é uma solução de maneira alguma. Em primeiro lugar, não nos explica como a mera soma de atividades intersubjetivas sem poder de apreensão sobre a realidade objetiva poderia ter gerado algo como o conhecimento científico objetivamente válido. Se todas as atividades cognitivas humanas são apenas jogos, a ciência não pode ser

senão um jogo também, ainda que um pouco mais sofisticado, e neste caso ele nada tem a dizer sobre o mundo das "coisas", e sim apenas sobre as necessidades pragmáticas da comunidade científica. Uma dessas necessidades é a de persuadir as demais comunidades de que a comunidade científica é a única autorizada a falar em nome delas e, ademais, a pronunciar "verdades objetivas" a que todas devem curvar-se.

Em segundo lugar, que é uma "ciência"? Ciência é levantar uma hipótese de que determinado campo de fenômenos obedece a alguma constante, e em seguida coletar fatos dentro desse mesmo campo, definido pela constante, para averiguar se a constante é mesmo constante. O campo de observação de cada ciência é delimitado pelas hipóteses iniciais que em seguida selecionam o material de observação. Por mais exatas e meticolosas que sejam as observações, o resultado final há de trazer sempre consigo a tara hereditária da hipótese fundadora, e por isso não pode jamais ser declarado uma verdade objetiva, apenas a confirmação intersubjetiva de um método inventado precisamente para criá-la. Kant estava certo ao observar que, nas ciências, o método inventa o objeto, mas, se esse é o caso, nenhum objeto de ciência nenhuma pode ser dito "real": cada um é apenas um simulacro de objetividade projetado pelo método.

Em terceiro lugar, a unidade do real concreto no qual sabemos que existimos não é a mesma coisa que a unidade abstrata de um "todo" tomado como objeto de teoria. Podemos fazer afirmações sobre o "todo", mas sabemos que o todo do qual se fala não é o mesmo no qual se existe. A totalidade concreta transcende toda possibilidade de teorização pelo simples fato de que fazer teorias é algo que acontece "dentro" do todo, não acima e fora dele. Portanto, mesmo se fosse possível existir uma concepção científica da totalidade universal, essa concepção abrangeria somente uma parte ou aspecto da totalidade concreta, não a totalidade concreta enquanto tal. Ou seja: se o mundo corpóreo descrito pelas ciências é uma unidade, essa unidade é determinada pelas necessidades internas do método e não pela natureza objetiva das coisas. Isso é o mesmo que dizer: o mundo que as ciências descrevem é apenas um jogo intersubjetivo entre outros.

Por fim, resta a obviedade de que, se a ciência não pode descrever o todo, também não pode descrever um só fato concreto, por mínimo que seja. Fato concreto é o fato tomado não na essência abstrata que o define -- muito menos na definição meramente operacional da qual parte em geral a observação científica --, mas na totalidade ilimitada dos acidentes sem os quais não poderia produzir-se. Isso está absolutamente acima da capacidade de observação, seja de cada ciência em particular, seja de uma hipotética e utópica articulação de todas elas.

[Continua]